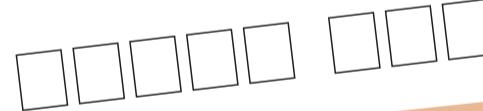


POSTAIS

do Conhecimento



Ufal na linha do tempo



A instalação da artista visual Ddaniela Aguilar representa bem o conteúdo desta edição. A imagem traduz a história da Universidade Federal de Alagoas ao longo dos 50 anos de existência. Pelas cadeiras da instituição, passam milhares de indivíduos, embalando diferentes expectativas, sonhos e inquietudes; alguns seguem adiante cumprindo sua meta de estudo e trabalho; outros mudam o curso da caminhada e buscam novas rotas; alguns representam a dimensão política do cotidiano da instituição. Embora seja um universo onde repousa uma constelação de vontades, ao virar das páginas do tempo, cada indivíduo contribuiu, a seu modo, para erguer as bases da Universidade. Obra ainda em construção, aberta a ajustes e reformulações, a Ufal vai se alargando, à medida que muitos alagoanos e alagoanas encontram um melhor lugar no mundo do conhecimento e contribuem para a transformação de nossa sociedade.

Um ato que virou marco na história de Alagoas



Aprovação da lei de criação da primeira Universidade de Alagoas pelo Presidente Juscelino Kubitschek. Em pé: o médico A. C. Simões, o assessor do MEC, Edgar Magalhães, e o deputado federal Medeiros Netto

Em 26 de janeiro de 1961, na biblioteca do Palácio da Alvorada, em Brasília, um acontecimento daria uma nova configuração à realidade cultural de Alagoas. Nesta sessão ocorrida no final do governo de Juscelino Kubitschek, era sancionada a lei de criação da primeira Universidade de Alagoas, a Ufal. Além do presidente da República, estiveram presentes, na solenidade, o médico A. C. Simões, então diretor da Faculdade de Medicina de Alagoas, o assessor do MEC, Edgar Magalhães, e o deputado federal alagoano Medeiros Netto. Como todo fato histórico deve ser situado no seu contexto, vale recordar o que se passou no mundo e no país nessa época.

Na década de 60, vários episódios históricos modificaram o perfil de países em todo o mundo. Alguns deles significaram avanços, como a criação da Anistia Internacional e a chegada do soviético Yuri Gagarin ao espaço; outros ergueram pilares separatistas nas rotas para uma sociedade igualitária, a exemplo de conflitos sociopolíticos e ideológicos,

cos, como a Guerra Fria e a construção do Muro de Berlim, na Alemanha.

Já o Brasil vivia sobre os trilhos de uma corrida desenvolvimentista, que terá como principais marcos o Plano de Metas de JK, o famoso "50 anos em 5", que impulsionou as áreas da indústria, energia e transporte; as reformas de base do governo de João Goulart; e a política centrada em lemas como "Brasil Grande" conduzida pelos militares do regime ditatorial (1964-1985). Enquanto em alguns aspectos o país avança, de outro lado, a população se sente acuada com os efeitos colaterais dessas políticas: achatamento salarial, autoritarismo, concentração de renda, inflação, dependência do capital externo, censura e repressão social.

Entre conquistas e solavancos, a sociedade civil busca diferentes formas de organização com o propósito de pressionar os governos para atender seus anseios. Das conquistas alcançadas, sobretudo nos anos 1950 e 1960, está a criação de um expressivo

número de universidades públicas de norte a sul do Brasil. Intelectuais, profissionais liberais, estudantes, professores e políticos mobilizam-se e enfrentam verdadeiras "odisseias" para atravessar os trâmites da burocracia e alcançar a legalização de seus projetos de instituição federal de ensino superior.

Nessa época, são reconhecidas pela União as universidades dos Estados do Ceará (1954), Espírito Santo (1954), Paraíba (1955), Pará (1957), Rio Grande do Norte (1958), Santa Catarina (1960), Goiás (1960), Maranhão (1967) e Sergipe (1968). O surgimento da Ufal acompanha esse movimento de expansão do ensino superior brasileiro que segue um ritmo descompassado, impulsionado por diferentes motivações e realizado com séculos de atraso em comparação a outros países das Américas. Mas que, sem sombra de dúvida, representará um grande avanço para a realidade sócio-histórica de Alagoas.

EXPEDIENTE

Postais do Conhecimento, com o tema **Ufal na linha do tempo**, é o sétimo número de uma coleção comemorativa dos 50 anos da Universidade Federal de Alagoas, publicada em 2011.

Tiragem: 10.000 exemplares

GESTÃO

Ana Dayse Rezende Dorea - **REITORA**
Eurico de Barros Lôbo Filho - **VICE-REITOR**

Universidade Federal de Alagoas

Endereço: Campus A. C. Simões - Av. Lourival de Melo Mota, s/n. Tabuleiro do Martins. Cep: 52072-970. Maceió-AL
Assessoria de Comunicação (Ascom): 3214-1052
Pró-Reitoria de Extensão (Proex): 3214-1134
Coordenação de Assuntos Culturais: 3221-3122

www.ufal.edu.br
ascomufal@gmail.com

Coordenação Geral

Márcia Rejane Gonçalves Ferreira MTB 352/AL

Redatores

Élcio de Gusmão Verçosa
Simone Cavalcante

Edição

Simone Cavalcante

Projeto Gráfico

Jailson Albuquerque

Diagramação

Marseille Lessa

Revisão

Rose Ferreira

Fotografia

Laércio Luiz Amorim

Manoel Mota



Daniela Aguilar

É artista visual, especialista em design têxtil pela Universitat Ramon Llull, em Barcelona. Em **Essa rua é nossa**, que ficou em cartaz na Pinacoteca Universitária em 2010/2011, a artista expõe a série **Travesseiros** (obra da capa), fruto do Projeto **Sonhos Mutantes**.

O embrião do projeto de educação superior

Adécada de 1930 é o marco da primeira iniciativa formalmente concebida e bem sucedida de ensino superior no Estado: a fundação da Faculdade de Direito de Alagoas. Criada em 1931 e oficializada dois anos depois, ela surgiu da ideia do funcionário Agostinho Benedito de Oliveira e contou com o empenho de alguns professores, todos pertencentes ao Liceu Alagoano.

Enquanto funcionou na Praça Montepio, no Centro de Maceió, a faculdade manteve, no seu corpo docente, catedráticos, membros fundadores, professores fixos e temporários; e conferiu grau a turmas de bacharéis de Alagoas e de outros Estados, que ingressavam na vida pública administrativa ou atuavam como profissionais liberais. Três episódios marcam a história da faculdade: a diplomação de duas mulheres, Alda Pinheiro e Antonieta Duarte, em 1934, ano de promulgação da constituição brasileira que garantia o voto feminino, a federalização da Faculdade ainda nos anos de 1940 e a visita do presidente Juscelino Kubitschek durante as comemorações das bodas de prata da instituição.

A Faculdade de Direito de Alagoas passou quase duas décadas sendo a única iniciativa de educação superior até surgir nos anos de 1950 uma safra de novas instituições legalmente reconhecidas: Medicina (1951), proposta pelo médico Abelardo Duarte; Filosofia (1952), idealizada pelo padre Teófanes Augusto de Barros, vinha responder à demanda de professores nas

escolas de ensino secundário; Ciências Econômicas (1954), criada pelo Sindicato dos Empregados no Comércio do Estado de Alagoas; Engenharia (1955), formada por um grupo de profissionais da área; e Odontologia (1957), uma fusão entre as faculdades de Maceió e de Alagoas, esta última fruto do idealismo do professor Alberto Mário Mafra.

Em 1960, os dirigentes da Faculdade de Medicina aliados a alguns políticos, sob a liderança do médico A. C. Simões, um dos pioneiros das Instituições de Ensino Superior (IES), empreendem em Brasília uma marcha pela federalização desta instituição. Contudo, ao tomar conhecimento de que era possível aprovar um projeto de universidade em vez de reconhecer-se de forma isolada, Dr. Simões convenceu todos a mudarem de estratégia e passou a liderar o movimento favorável à criação da Ufal. No salão nobre da faculdade, em 11 de agosto de 1960, dia do estudante, os diretores das seis escolas superiores do Estado e algumas autoridades políticas assinam um memorial, solicitando ao presidente JK o atendimento dessa reivindicação. O memorial foi levado para a capital federal por Adalberto Câmara, presidente do Diretório Central dos Estudantes.

O processo de surgimento da universidade talvez seja o único episódio na história local que contou com a adesão unânime de toda a bancada alagoana em Brasília, independente de partido, segundo noticiou, na época, o Jornal de Alagoas. O projeto passou pelos trâmites na Câmara e no Senado em caráter de urgência

e no apagar das luzes do governo JK, tendo o apoio imprescindível dos políticos Medeiros Netto, Freitas Cavalcanti, Abrão Moura e Ruy Palmeira, presentes em todas as etapas do processo. A aprovação da proposta envolveu, assim, vários segmentos da classe política e da sociedade civil alagoanas.

A associação das seis faculdades em torno de um projeto em comum atendia ao modelo em vigor no Brasil que segmentava o saber em três grandes áreas (exatas, humanas e saúde), tendo a filosofia como a pedra angular. Mesmo diante da febre da modernização, o ensino superior em Alagoas, como em todo o país, continua espelhado ainda hoje em alguns preceitos do modelo napoleônico de universidade adotado, por muitos séculos, na França: a divisão do conhecimento em faculdades isoladas e o culto ao ritual da colação de grau e da certificação pelo diploma como chaves para o ingresso no mercado de trabalho.

Essa primeira fase que vai desde a origem e a regulamentação das faculdades de Medicina, Direito, Filosofia, Ciências Econômicas, Odontologia e Engenharia até o processo de aglomeração num projeto único seria uma espécie de proto-história, o marco inicial de construção da Universidade Federal de Alagoas. Quase todas as universidades públicas brasileiras criadas nesse período tomaram o mesmo percurso, encontrando na associação de faculdades já existentes um caminho viável para a democratização do acesso a práticas e saberes até então reservados a uma parcela mínima da população.



O Presidente Juscelino Kubitschek ao lado do Governador Muniz Falcão, do Ministro Jurandir Lodi e do Professor Jayme de Altavila, então diretor da Faculdade de Direito, durante a cerimônia de Bodas de Prata da instituição



Visita do diretor de ensino superior do MEC, Jurandir Lodi, à Faculdade de Filosofia



A FISIONOMIA DA UFAL EM PERMANENTE TRANSFORMAÇÃO

Com o impulso inicial da fase proto-histórica, a universidade segue o curso da sua trajetória, atravessando mais quatro marcos: implantação e consolidação; expansão e preocupação com a pesquisa; democratização do poder e abertura para a comunidade; e expansão para o interior e o mundo. Ao longo de 50 anos, a instituição teve seus rumos conduzidos pelas mãos de oito reitores (incluindo a gestão atual), e vem enfrentando diferentes conjunturas políticas na construção de seu perfil.

A partir de 1961, a Ufal entra num período de implantação e consolidação tanto nos aspectos pedagógico como espacial, na tentativa de integrar o fluxo de ações e atividades acadêmicas numa mesma localização geográfica. Na visão do primeiro reitor, A. C. Simões, era preciso, antes de tudo, investir na infraestrutura. Nos dez anos em que esteve no poder, ele voltou maior parte dos recursos para a reforma dos prédios das faculdades já existentes e a construção da cidade universitária.

Ao iniciar sua gestão, as faculdades continuaram funcionando de forma isolada, enfrentando reformas, adaptações e até mesmo transferência de lugar, como se deu com a Faculdade de Ciências Econômicas que passou a funcionar num solar da Praça dos Martírios. Somente em 1966, surgem as primeiras edificações na região próxima à

Praça Sinimbu: Restaurante Universitário, Federação Alagoana do Desporto Universitário (FADU), Diretório Central dos Estudantes e Residência Universitária. E um ano depois, foram iniciadas as obras de construção da cidade universitária, num terreno de 210 hectares situado no Tabuleiro do Martins. Além dos blocos que abrigaram alguns centros de ensino, data desse período o início da construção do Hospital Universitário.



Obras de construção da Ufal (1967)

No plano pedagógico, a reforma seguiu a concepção do ciclo básico e do ciclo profissional,

segundo os moldes estabelecidos pelo Regime Militar em vigor. Os estudos básicos eram realizados em sete institutos centrais, e as vagas, disponibilizadas por meio do vestibular, estabelecido por lei em dezembro de 1967. Nesse período, houve muitos movimentos estudantis em protesto contra o número reduzido de vagas que sempre provocava excedentes no sistema classificatório. Um dos protestos resultou num acordo entre MEC, Ufal e Governo do Estado para criação de uma nova escola médica que se tornaria estadual: a Escola de Ciências Médicas de Alagoas.

Com a reforma universitária instituída pela Lei 5.540/68, a educação superior é separada do ensino básico. Daí por diante, a universidade vai, gradualmente, adaptando-se à nova configuração baseada no fim das cátedras, na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e na criação de departamentos vinculados a centros acadêmicos, seguindo o modelo americano de ensino. Vale registrar que a Ufal se torna campo de ensaio para a formulação dessa lei, ao receber equipes técnicas que vão estudar a sua viabilidade e até uma estrutura que será precursora da reforma feita pelo Regime Autoritário. Tal base estrutural de educação vigorou até 1995, sendo substituída pela LDB 9.394/96.

A expansão com o olhar atento para a pesquisa

O Brasil estava imerso numa ditadura e por todos os cantos do país havia focos de manifestações de resistência ao regime. Com os pilares nesse contexto, a universidade avança em busca da modernização de sua estrutura administrativa, pedagógica e de pessoal. A intenção de dar prosseguimento à política de construção de novos prédios iniciada por A. C. Simões permanece, mas vai ocupar um novo lugar no planejamento estratégico da Ufal. Os reitores que vieram depois voltaram sua atenção a outras prioridades necessárias também ao desenvolvimento da instituição.



Reitor Nabuco Lopes na solenidade da formatura unificada de 1973

Nessa fase, nota-se um aumento do leque de cursos de graduação ofertados, e do quadro de pessoal, com a realização de novas contratações; o direcionamento dos recursos à qualificação dos servidores; o incentivo ao campo da pesquisa científica, por meio de convênios com outras instituições; e o surgimento do primeiro curso de pós-graduação stricto sensu, Letras. As expressões artísticas buscam um lugar no espaço acadêmico a partir da criação de cinco equipamentos culturais: Corufal, Museu Théo Brandão de Arte e Folclore (1975), Orquestra de Câmara da Ufal (1981), Pinacoteca Universitária (1981) e Editora Universitária, Edufal (1983), voltada para a circulação de textos científicos.



Coral na entrada do Restaurante Universitário

Assim, as gestões dos reitores Nabuco Lopes Tavares da Costa Santos (1971-1975), Manoel M. Ramalho de Azevedo (1975-1979), João Ferreira

Azevedo (1979-1983) e Fernando Cardoso Gama (1983-1987, primeiro mandato) compreendem uma fase de expansão e preocupação com a pesquisa e a pós-graduação, ainda que os efeitos dos esforços desses gestores nem sempre tenham sido coroados de êxito.

A gestão de Nabuco Lopes, por exemplo, teve início com a assessoria de planejamento elaborando um Documento Descritivo Preliminar, levantando informações e analisando criticamente a situação da universidade. O relatório entregue ao MEC pretendia traçar uma rota diferente de atuação, que fosse capaz de articular o capital humano (professores, alunos e servidores) à execução das ações acadêmicas e administrativas da forma mais integrada possível. Um dos pontos que sintetiza o espírito daquele momento está no deslocamento do foco da estrutura física para a valorização de pessoas.

De olhos fixos na ampliação dos quadros de pessoal, o setor de planejamento da universidade põe em prática, em 1972, o Plano de Expansão, com a realização de mais de 200 concursos e provas de seleção. Neste ano, é criado o Campus Tamandaré, mediante a ocupação, em regime de comodato, do complexo onde se situava a Escola de Aprendizes de Marinheiro de Alagoas, no Pontal da Barra. Ali foram instalados os cursos da Área III, de Ciências Humanas, com uma população estudantil de mais de 3.000 alunos. Em 1976, o campus foi desativado diante dos riscos que sofreria com a instalação da empresa Salgema no Pontal.

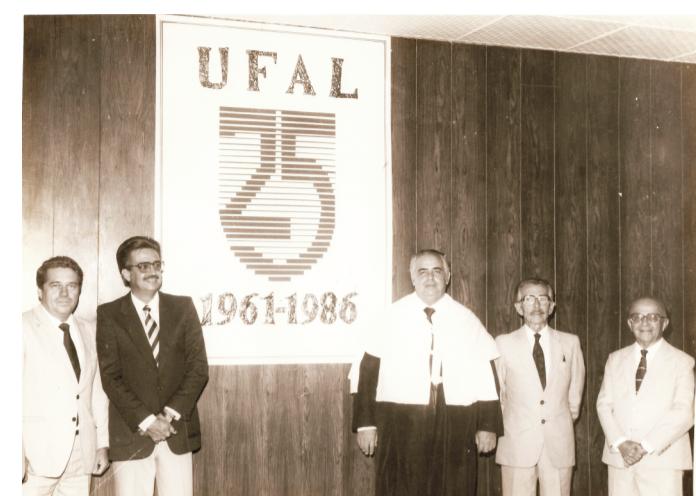


Inauguração do Ceca, em Viçosa, em 13 de outubro de 1975

Por outro lado, foram dados os primeiros passos na articulação de uma política para o fomento do conhecimento científico, a partir da criação da coordenadoria de pesquisa e pós-graduação. Inicialmente, havia um número reduzido de pesquisas, a exemplo dos estudos avançados sobre o setor pesqueiro, e a maioria delas estava atrelada a convênios com instituições nacionais e estrangeiras, ou eram produzidas pelos professores meramente para alcançar uma melhoria salarial com a mudança para o regime de 40h de trabalho.

Caminhando na divulgação da ciência e da pesquisa, a revista científica e cultural Scientia ad Sapientiam é lançada durante a gestão do reitor Manoel Ramalho, em 1978. É uma marca também dessa gestão a preocupação em tornar mais adequadas as condições de funcionamento dos 22 cursos de graduação.

Além da reestruturação dos cursos, ocorreu a ampliação da cobertura dos serviços de assistência aos



Da esquerda para direita, os reitores João Azevedo, Manoel Ramalho, Fernando Gama, Nabuco Lopes e A. C.

estudantes e a criação de programas, como o Bolsa de Trabalho Arte (1976), que incentivava a elaboração de projetos de pesquisa sobre diversas linguagens artísticas. Além disso, o processo seletivo para ingresso de futuros alunos tornou-se mais profissionalizado a partir da assinatura de um convênio com a Fundação Carlos Chagas.

Com um estilo de administrar mais voltado para o planejamento de ações, o reitor João Azevedo lança, no início de sua gestão, o documento Diretrizes Básicas (1980-1983), um plano estratégico direcionado para os próximos três anos. Nele se confirma também a preocupação em fortalecer a pesquisa como um dos pilares da formação acadêmica, com o desenvolvimento dos trabalhos da recém-criada Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propep). Tornava-se mais intenso também o estudo e o debate de temas pertinentes à conjuntura socioeconômica de Alagoas, numa visão incipiente do discurso de desenvolvimento sustentável muito em voga nos dias atuais.

No reordenamento administrativo da Ufal, a Pró-reitoria de Planejamento amplia suas bases, com a formação de núcleos de apoio para atender as necessidades da universidade. São criados os núcleos de Apoio ao Ensino Pesquisa e Extensão (Naepe), de Informações (NI), de Apoio Administrativo, entre outros. A manutenção desses núcleos tinha como finalidade aumentar o desempenho do fluxo administrativo, permitindo a troca de informações entre os diferentes setores.

Nos anos 1980, a primeira gestão do reitor Fernando Gama encerra a fase em que a expansão e a preocupação com a pesquisa tinham caráter de urgência nas discussões acadêmicas, tendo em vista a carência de pessoal e o baixo índice de projetos registrados. Atuando na transição entre a ditadura e a abertura política, sua gestão terá o apoio decisivo de um empréstimo tomado com o MEC/BID III (Banco Interamericano de Desenvolvimento), permitindo a aceleração da política de capacitação de professores e técnicos, juntamente com a ampliação física e as instalações técnicas no Campus A. C. Simões. É nesse período que surgem cursos de pós-graduação, cujo pioneirismo coube ao mestrado de Letras, e praticamente todos os cursos de graduação passam a ter reconhecimento do MEC.



Defesa da primeira dissertação do Mestrado em Letras da Ufal, aberta pela reitora Delza Gitaí

O poder precisa emanar da sociedade



Delza Gitaí inaugura a nova reitoria no campus A. C. Simões em 1987

Com o fim da ditadura, o país busca novos caminhos para a redemocratização. Uma das mais importantes conquistas desse período, no plano nacional, é a eleição direta para presidente. A abertura, no entanto, não garante a estabilidade política. De 1985 até chegar ao século XXI, muitas decisões governamentais, tanto no plano regional como nacional, vão gerar um clima de insegurança sobre o futuro da nação, levando a população a articular greves, impeachments e manifestações.

Acompanhando os desdobramentos dessas mudanças, a Ufal ingressa em um novo momento histórico, marcado pela democratização do poder em todos os níveis, de reitor a coordenadores de curso, e abertura de um diálogo mais intenso com a comunidade. Nessa fase, a escolha de Delza Leite Goés Gitaí (1987-1991), Fernando Gama (1991-1995, segunda gestão) e Rogério Moura Pinheiro (1995-1999/1999-2003) para o cargo de reitor se dá de forma direta, com a participação paritária de professores, técnico-administrativos e estudantes.

Como primeira mulher no comando da instituição, Delza Gitaí mantém algumas preocupações da fase anterior, mas demarca seu projeto acadêmico com a ênfase nas ações de extensão e no incentivo à criação de núcleos temáticos para discussão de temas e problemas da realidade regional e nacional. Valendo-se dos lemas "A universidade somos nós", em contraste ao autoritarismo até então em voga no país, e "A universidade sai do casulo" em relação ao transbordamento das ações acadêmicas para fora dos muros da universidade, sua gestão tenta estabelecer novos mecanismos de escuta e diálogo com as camadas menos assistidas da população, utilizando a mediação de lideranças comunitárias.

Em diferentes áreas do saber, são realizados seminários, reuniões, encontros e consultorias técnicas e jurídicas, discutindo questões sobre a mulher e seus direitos de cidadã, o menor, a violência e a alfabetização, entre outros temas. O I Seminário Estadual sobre Alfabetização e Cidadania, por exemplo, contou com a participação do educador Paulo Freire que, anos depois, seria homenageado pela universidade com o título de Honoris Causa. Além dos núcleos, a Pró-reitoria de Extensão intensifica o trabalho nas comunidades, desenvolvendo, ao lado dos departamentos acadêmicos, programas como Periferia, Cidadania, Vida e Saúde, convidando a população a debater suas reivindicações. As ações de Extensão passam agora a ter um lugar bem destacado, ao lado da pesquisa e do ensino.

No âmbito da pesquisa, há um crescimento acentuado da produção de trabalhos científicos, com a elevação do número de professores com mestrado e doutorado. Nota-se uma maior participação de estudantes na produção de pesqui-

sas, a partir de convênios com Bolsas de Iniciação Científica. As estatísticas positivas ocorrem pela melhoria da infraestrutura física dos centros acadêmicos e, sobretudo, pela interação entre eles, o que vai criar um ambiente interdisciplinar de troca de informação.

Saindo da década de 1990 e ingressando no novo século, porém, a universidade sofre grandes impactos na gestão de seu orçamento, como desdobramento das instabilidades da política brasileira com a abertura do país ao capital externo, às privatizações e à desregulamentação do mercado. Imerso nesse contexto, o reitor Fernando Gama, no seu segundo mandato, vive um dos piores momentos na gestão orçamentária dos recursos da Ufal, de acordo com relatório publicado em 1992: "a universidade não pode parar e para isso precisa de mais de 8 bilhões de cruzeiros destinados aos pagamentos deste semestre".

No entanto, os obstáculos advindos da conjuntura política nacional vão persistir. Dessa forma, a atuação do reitor Rogério Moura Pinheiro tenta construir novos caminhos para o enfrentamento dos problemas, e uma das vias tomadas foi a reformulação da própria estrutura interna da instituição, dos pontos de vista acadêmico e administrativo. Uma das primeiras decisões tomadas foi a elaboração de um planejamento capaz de ajustar o orçamento e as finanças. Com o enxugamento dos gastos, foi possível conduzir a política acadêmica, a partir de ações como a implantação de um programa intensivo de capacitação docente, a consolidação do ensino noturno nos cursos de graduação, o aproveitamento das vagas ociosas, que ampliou o número de matrículas e, principalmente, o aprofundamento de ações de pesquisa e expansão da pós-graduação.

Algumas mudanças ocorridas na educação brasileira também repercutiram na instituição. Nesse período, a universidade busca implantar a política de cotas para negros e estudantes da escola pública, proporcionando às camadas mais pobres da população o acesso ao ensino superior. Por outro lado, ocorre a ampliação da graduação na modalidade a distância, com o pioneirismo do curso de Pedagogia, que investiu na formação dos professores das redes municipais.

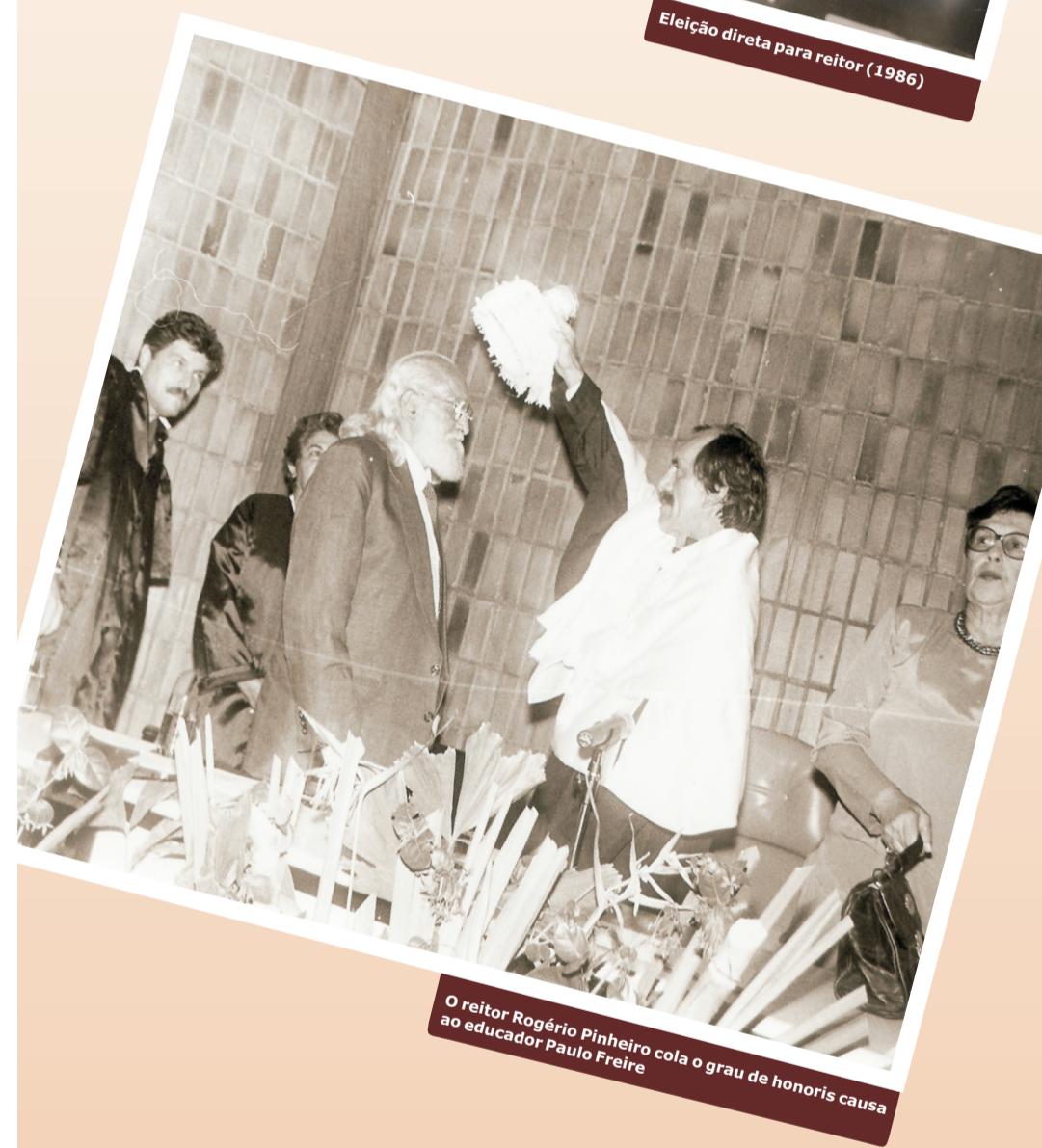
No segundo mandato do reitor Rogério Pinheiro, há uma revisão no Estatuto da Ufal, uma espécie de nova constituição à sua estrutura acadêmica. Essa reformulação, que extingue os departamentos e reinstitui as unidades acadêmicas, mas preservando os colegiados de curso, seria colocada em prática na gestão posterior. A partir daí a universidade se distancia anos-luz da ideia de cátedra presente na sua fase inicial de formação e abandona o modelo importado americano de departamento, abrindo a possibilidade para refletir uma nova configuração de seu perfil.



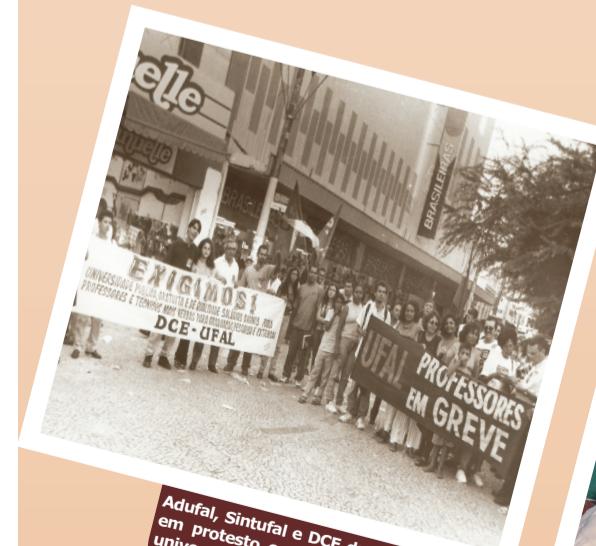
Passeata da campanha da candidata à reitora Delza Gitaí



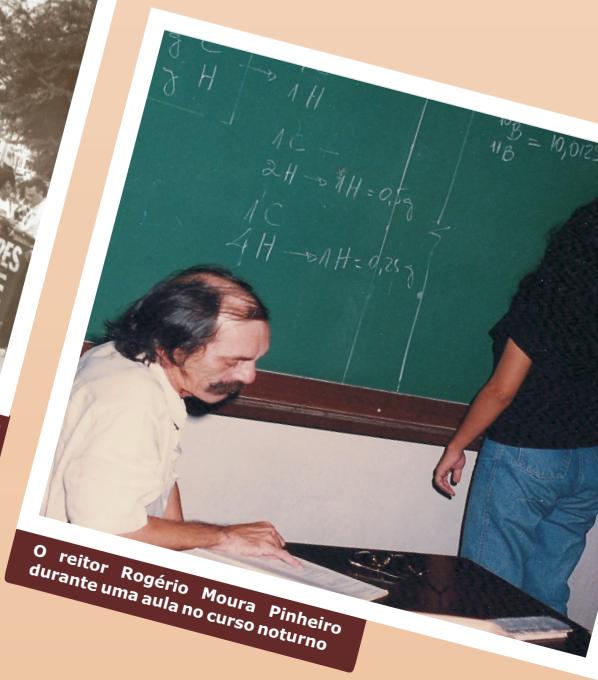
Eleição direta para reitor (1986)



O reitor Rogério Pinheiro coloca o grau de honoris causa ao educador Paulo Freire



Adufal, Sintufal e DCE durante uma greve em protesto contra as privatizações das universidades do governo FHC



O reitor Rogério Moura Pinheiro durante uma aula no curso noturno

A universidade para Alagoas: uma proposta aberta

A primeira década do século XXI representa um momento diferenciado na política nacional, com a ascensão à presidência da República de Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula. Do ponto de vista da educação superior, houve uma aplicação maciça de recursos nas universidades públicas brasileiras e a criação de mecanismos, como o Prouni, para ampliação imediata do acesso, via rede privada, a alunos vindos de segmentos economicamente pobres da população. Esses investimentos, de fato, não podem ser vistos como panaceias, mas trouxeram mais flexibilidade orçamentária na tomada de decisões. Em sintonia com essa conjuntura, a atual reitora, Ana Dayse Dorea, vem aproveitando ao máximo a política do Governo Lula para garantir a permanência da educação superior pública e gratuita em Alagoas.



A reitora Ana Dayse Dorea e o vice-reitor Eurico Lôbo recebem o secretário do MEC, Manoel Palácios, para discutir a interiorização

Uma das principais ações da sua gestão é a interiorização do ensino, via Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Com essa proposta, a Ufal, antes restrita praticamente à grande região metropolitana, vai ampliando seu campo de atuação para todo o Estado. Antes desse processo, contudo, houve algumas experiências nessa direção, como o Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (Crutac), em Arapiraca, o curso de Agronomia, em Viçosa, o Núcleo de Extensão e Desenvolvimento Regional (Neder) e o Programa de Assessoramento Educacional aos Municípios de Alagoas (Promual), que davam assessoria técnica e científica a municípios de todo o Estado.



Colação de grau de Enfermagem do Campus Arapiraca



Trote dos feras em Arapiraca

Mas nenhuma delas teve a abrangência de investimentos em obras físicas e equipamentos como hoje.

Esse segundo ciclo de expansão está sendo realizado de modo amplo e sistemático, tendo o apoio, principalmente, do Reuni. A implantação do Programa sofreu resistência de segmentos politicamente organizados de discentes e docentes, mas, uma vez aprovado pelo Conselho Universitário, tenta vencer alguns obstáculos de infraestrutura e manutenção, hoje representando a principal via de acesso



Reitora fala do apoio que obteve da bancada federal e do senado para a implantação do Campus do Sertão em 2010

ao ensino superior para a população estudantil que mora em áreas distantes da capital.

As Unidades de Penedo, Palmeira dos Índios, Viçosa e os campi Arapiraca e do Sertão, localizado em Delmiro Gouveia, formam uma rede articulada à reitoria do campus A. C. Simões, em Maceió, e abrem para os alagoanos do interior oportunidades que vão para além da formação pública e gratuita para carreiras do magistério. Hoje, circulam no complexo de polos e campi da Ufal, aproximadamente, 1420 professores, com mestrado, doutorado e especialização, 1520 técnico-administrativos e mais de 26.000 estudantes, incluindo graduação, pós-graduação e Ensino a Distância (EaD).

No campo da pesquisa, existem centenas de grupos de pesquisa na pós-graduação e de projetos na área de graduação e extensão mantidos em convênio com instituições como a Capes, o CNPq, a Fapeal, e que atuam em diferentes temáticas. Um fato novo é a implantação do primeiro curso de mestrado profissional em Ensino de Ciências e Matemática. Segundo o Boletim Estatístico de 2009, a universidade disponibilizou quase 2.400 bolsas para a realização desses projetos. Parte dessa produção é transformada em livros editados pela Edufal que, além da política de publicação, organiza a Bienal Internacional do Livro de Alagoas, já na quinta edição em 2011.



Bienal Internacional do Livro de Alagoas, uma das maiores vitrines do pensamento científico da Ufal e da produção literária do Estado

Houve um salto acentuado nas contratações por concurso, na capacitação dos servidores e na ampliação do número de vagas para o ingresso na graduação. Os dados da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação



Cerimônia de posse de novos docentes

apontam um aumento na criação de cursos de pós-graduação e de editais em convênio com outras instituições, e do aperfeiçoamento técnico. Atualmente, quase 600 doutores e pouco mais de 400 mestres integram o quadro permanente da instituição. Uma parte desse contingente é formada por docentes vindos de outros estados do Brasil e do exterior, o que acentua a diversidade cultural e a troca de conhecimentos. No plano da graduação, novos cursos foram criados,



Técnicos -administrativos no Encontro dos Servidores em 2010

a exemplo de Engenharia de Petróleo, Engenharia de Computação, Design e Química Tecnológica e Industrial.

Diante disso, os desafios da Assessoria de Comunicação da Ufal (Ascom) multiplicaram-se. O aumento na área de atuação da universidade exigiu a contratação de novos técnicos-administrativos e bolsistas de Comunicação, bem como a compra de equipamentos, mas ainda é uma tarefa difícil cobrir todas as demandas. Existem três veículos de divulgação em



Colação de grau de Engenharia de Pesca em Penedo – Campus Arapiraca

atividade: a Folha Universitária, uma publicação impressa de periodicidade bimestral, a Folha Estudantil, um informativo online semanal, e o Portal de Notícias. As matérias, em sua maioria, referentes a eventos científicos são produzidas pela equipe da Ascom, que conta com parceiros como o Núcleo de Tecnologia da Informação (NTI) e os agentes de comunicação no interior.

Em âmbito de planejamento, todas as estratégias para o desenvolvimento da universidade seguem agora, de modo sistemático, duas orientações: o Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Esses documentos plurianuais contêm planos e metas que devem ser cumpridos pela instituição, avaliados permanentemente pelo MEC.

Toda história tem seus atores



Movimento unificado em defesa da Ufal (2001)

Com esse diagnóstico da gestão em curso, bem como dos históricos antecedentes, dá para ter noção do quanto a Ufal tenta cumprir sua trajetória, construída ao longo de décadas por recuos e avanços, obstáculos e surpresas, fechamentos e aberturas. Neste percurso, a universidade vem acompanhando a evolução urbana do Estado de Alagoas, formado hoje por mais de 3 milhões de habitantes. Deste contingente populacional, segundo o Inep, mais de 70.000 alunos cursam o ensino superior, estatística que a Ufal partilha com outras dezenas de instituições públicas e privadas, a exemplo da Escola de Ciências Médicas de Alagoas, criada em 1968 e hoje transformada em Universidade Estadual de Ciências de Alagoas (Uncisal), a Universidade Estadual de Alagoas (Uneal), que divide com a Ufal a responsabilidade do atendimento público e gratuito dos estudantes também no interior do Estado, o Centro de Estudos Superiores (Cesmac), inaugurado em 1973 a partir do idealismo do padre Teófanes de Barros, e a Fundação Educacional do Baixo São Francisco de Penedo, criada pelo pioneirismo de Raimundo Marinho na sua região.

Nos 50 anos de existência, a Ufal não atuou sozinha no cenário da educação brasileira e alagoana, nem teve seu destino guiado unicamente pelas vontades e decisões dos gestores que por ela passaram. Sua história não teria sentido se não houvesse a participação de seus principais atores: alunos, professores e técnicos-administrativos.

Em todas as fases de implantação, consolidação e expansão da Ufal, são eles, por meio de suas representações, que vêm refletindo e contestando os métodos utilizados nas políticas adotadas até então, seja no âmbito da estrutura universitária, seja fora dela. De forma coletiva, eles atuaram e atuam, em última instância, no processo de escolha sobre qual rumo a instituição deve tomar a cada conjunturaposta como desafio. Quando essas decisões não são respeitadas, fazem das greves, passeatas e mobilizações instrumentos de protesto às suas reivindicações.

É no período de fechamento do debate político nacional que surgem o Diretório Central dos Estudantes (DCE), iniciado nos anos 1960; a Associação dos Servidores da Ufal (Assufal), criada em 1972 e hoje chamada de Sindicato dos Trabalhadores da Ufal (Sintufal); e a Associação dos

Docentes da Ufal (Adufal), que surgiu em 1979. São essas instituições que, substituindo de modo organizado e sistemático as lutas muitas vezes subterrâneas de discentes, servidores e docentes em organizações políticas da sociedade civil, dão vozes às expectativas dos integrantes da universidade junto ao governo federal e à administração local, bem como prestam serviços de apoio aos seus filiados.

Juntas, a Adufal, o DCE e o Sintufal somam esforços para manter direitos já assegurados e alcançar novas conquistas dentro da política trabalhista e estudantil, garantindo, assim, a continuidade do processo democrático. E ao longo de cinco décadas, tiveram de reformular as estratégias de ação, em alguns momentos sofrendo até uma desmobilização nas suas bases, para enfrentar as mudanças advindas da política nacional. Com a presença ativa desses atores, a Universidade Federal de Alagoas saiu do projeto e foi conquistando diferentes fisionomias ao longo do tempo, mas sem perder de vista sua missão de oferecer à sociedade alagoana uma educação pública, gratuita e de qualidade para o maior número de alagoanos que lhe for possível.

